

Anotações acerca do intangível

“Esta penumbra é lenta e não doi;

Flui por um manso declive

E se parece à eternidade”

Jorge Luis Borges

RAINER MARIA

I

Tinha uma ideia fixa

De que era um sonho muito breve

Num sono desmembrado no tempo.

Ideia branda e de leite

Detalhada a fina erosão

Boca de diamantado cinzel.

Escultura de Giorgi

De mármore branco e fineza

Ouro alvo, puro ouro

Crestada hora

Recepção e alumbramento

Nas abas de nuvens

Que balem em grandes rebanhos voando.

II

Pensamentos que se escoram em coxas muletas

Pregos trespassados nos membros

Segurando palavras

Armadilhas nos sons e silêncios

Decependo as asas e o voar.

No brilho dos olhos, às lágrimas

Bolhas de água, capsulas

Toscas cavernas com imagens

Tristes gotas de sal.

Rios estreitos, filamentos

Suicidas presos ao fel

A amargura no palato de cinza

E a poeira fina dos rostos.

Rios deitados em cursos aventuram-se

Nas somas caudalosas, os suores

Rumores de infindos oceanos.

Por dentro dos olhos

Quais os viandantes na penumbra?

Os labirintos de Borges?

Quase cegos, se descobrem iluminados.

São quantos cegos tateando as paisagens?

As finas alças de fogo

As sedentas línguas

Queimando as mãos.

III

E as árvores?

As suas notas esparsas, as pausas

Os trinados como ecos

As cortiças aladas do vinho, seus estômatos abreviados

O mobiliário sem memória, os vernizes

As baratas nas gavetas

A escrivaninha de Poe

Um corvo, uma gralha, um escaravelho

Uma nota sustentada abrindo o mundo.

As árvores vivas, quase nuas

Suas anáguas transparentes

Seus sexos de pólen

Estão voando.

Os baobás, irmãos do infinito!

Os silvos das folhas,

Roçando estômatos e fímbrias

Inscrevem-se no sexo

E sobre pedras inertes

Com os seus silêncios contidos

Velhos anjos invioláveis.

IV

Da terra, a mãe

O húmus profícuo

A força doída das sementes

Grávidas que se contorcem

E abrem os olhos no terral

Sob troncos podres e cogumelos.

VI

Nos sinuosos rios

Choro a diversão dos peixes

O cardume das areias sob as sombras

As espadas laranjas da luz, os seixos

O fundo das horas

Os grânulos do mistério.

VII

Nas pálpebras,

O involuntário movimento

A ode eterna do que jamais se repete

O pêndulo que vai, o pêndulo que vem

É pêndulo de escuro, é pêndulo de luz

É olho que abre, é olho que fecha

Bigorna com limalha viva

Sob o martelo feroz de Vulcano

Oficina de forja de sopro frio

Fina lingueta de fogo

Enfileiradas esculturas de fumaça

Parindo os sonhos do mundo.

VIII

Sonhar é ter as asas nos pés

E nos calcanhares, o mais impulsivo coração.

Sangue, sangue

No pulsar imenso do tempo

O desespero da vida, de fina cera e utopia

Sob causticante sol e no denso mel

Cravadas plumas,

Penas suicidas de Ícaro

Os seus olhos perdidos
O despencar dos sujeitos
O espatifar das carnes e dos ossos.

O desejo pleno, é desejo de imagem frágil de vidro
Efêmero, volátil
No descanso frio externo do peito
E no vento bravio, lambendo os mamilos
Eriçando homens que sonham sonhos.

IX

Vestindo trovão medonho
As nuvens
Gargalham nos céus
E são mares invertidos
Com as chuvas.

X

Os relâmpagos com seus martelos de fogo
Lapidam nos céus informes
Os dentes de faísca
Que se mostram
Oh! Velhos dragões desenhados.

XI

Magma doída e doída de vulcão
Esporas finas do tempo,
Te peço,
Para os meus sonhos de trapo e de prata
Espalhem sobre meu sono
Cantos de terna hibernação

Com antigos percalços, com rastros que falham e falam

E sob espada de afiado e brilhante gume

Rasguem comigo os céus

De Hermes (o fértil, guia das almas dos mortos)

Céus que se perdem para cima

Céus que se perdem para baixo

E sob címbalos e oboés

Lancem seus gracejos misteriosos

E levem-me ao mergulho

Salto sem fim no vazio de imberbe azul, liso

Tocando franjas de nuvens gigantes

Algodões alvos ou de cinza com seus efêmeros monstros, os seus nadas

Imensos rebanhos tangidos pelos ventos.

XII

No vazio

Catem pra mim nos primeiros ninhos

Nas barbas alvas de Bachelard

Os ovos alados das poéticas e dos sonhos.